

21-1-45

Luta de Classes

O «dogma» da luta das classes difundiu o marxismo, para significar que a situação do operariado só se modificaria pela acção directa contra a organização capitalista. Era uma ideia-fôrça, um programa revolucionário de acção.

Na tese de Marx, a luta de classes existiu desde sempre. O moderno capitalismo já dela tinha usado para conquistar o comando económico e social. Tratava-se agora, dada a desproporção cada vez maior das forças de um e de outro lado, de empregar exactamente os mesmos processos de combate, para suprimir as classes e se obter definitiva paz social.

É incontestável a influência que este raciocínio simplista exerceu sobre as massas trabalhadoras, habituadas a sentir os efeitos duma organização económica que parecia dar razão á doutrina do materialismo histórico. Mas não foi menor a influência exercida sobre aqueles contra quem a tese marxista se ergueu como um pregão de morte. Também eles acreditaram na luta das classes, e tomaram as suas disposições para não serem nela derrotados. E a luta exacerbou-se então.

Perante as ruínas dessa batalhá ingloria, ergueram-se em algumas nações doutrinas novas, para submeter os dois campos em guerra ao poder omnipotente do Estado. Capital e Trabalho, patrões e operários, bem como as suas organizações profissionais, passaram á dependência directa do Governo que suprimiu, de facto, a iniciativa privada, e impôs condições a ambos os contendores. Tudo passou a ser matematicamente regulado, a fim de encaminhar as energias perdidas na luta para o maior bem comum da Nação. Nestes regimes, necessariamente autoritários e violentos, o individuo perdeu a sua personalidade, e a vida social assumiu o aspecto da vida monótona de uma grande fábrica, em que só conta o ruído da máquina e o ritmo da produção.

Noutras nações, procurou-se o termo da luta numa organização mais ou menos auto-dirigida, insistindo a propaganda doutrinária no propósito de convencer «burgueses» e proletários de que a luta de classes era um erro histórico, pela simples razão de que na sociedade não existiam classes, mas profissões. Ora o interesse da profissão era o maior bem de operários e patrões, que deviam unir-se e não combater-se. A boa intenção desta tentativa desculpa a sua ingenuidade, pois não basta afirmar que não existem classes, para que, de facto, deixem de existir.

Noutros países ainda, descrentes duma e doutra solução, pensaram muitos que o único e verdadeiro caminho para desfazer a profecia marxista da vitória final do operariado, seria tirar ás classes operárias as principais possibilidades da organização e de força. Pela existência dos Sindicatos, o operariado tem a ilusão do seu enquadramento; mas, pela luta contra a verdadeira autonomia e independência dos dirigentes sindicais, a força do número nunca poderia constituir uma unidade séria de combate.

Dificultouse assim tudo o que pudesse significar organização nitidamente operária, e, por outro lado, abriu-se fogo intenso contra todos aqueles que pudessem desempenhar uma chefia qualquer de comando de massas populares. Reconhece-se, de facto, certa razão ás reclamações do Trabalho, mas estas seriam satisfaci-

tas apenas na medida e na oportunidade que muito bem parecesse ás forças organizadas da chamada classe patrónal. A «luta de classes» é assim acéite e fomentada pela própria classe contra a qual a tese marxista se levantara.

Nenhuma destas soluções poderá surtir outro efeito que não seja aumentar as possibilidades de luta e, quando muito, adiar-lhe a eclosão violenta.

A solução está noutra atitude.

É falso o princípio da luta das classes, mas não é falso que, no regime capitalista, os interesses do patrão e do operário se apresentem as mais das vezes sob um aspecto de opposição. E se, de facto, as condições de trabalho levam os operários a procurar a sua defesa económica e social numa poderosa organização, que vai criando o verdadeiro espírito de classe, parece razoável que o caminho a seguir esteja precisamente em ir-lhes ao encontro, curando o mal, como

dir o povo, com a pele do mesmo cão.

Duas forças opostas, bem organizadas, podem chegar á luta, mas também podem chegar á paz. A boa harmonia social, dada a desconfiança mútua entre capital e trabalho, só poderá obter-se por meio de um leal e franco entendimento. Mas como obtê-lo, duma massa informe, duma multidão disseminada, sem guia nem comando?

Para destruir o espírito de luta de classes só vemos, por isso, um caminho proveitoso: organizar, disciplinar, educar as forças em contenda, para que se convençam umas e outras que o bem comum, isto é, o bem de ambas, só pode encontrar-se na sua própria valorização para mais eficaz colaboração.

Ao contrário do que muita gente pensa, nunca tememos a organização dos operários. Tememos, sim, a sua desorganização, a sua desmoralização, a sua revolta surda e a sua miséria.

Reconhecemos que o operariado pode organizar-se poderosamente para uma luta fratricida e aniquiladora de toda a civilização. Mas se vem a procurá-la e para ela se preparar, não será precisamente porque não os deixaram unir-se, fortalecer-se, para a defesa dos seus justos interesses e a valorização da sua personalidade humana?

Organização não significa luta. Quantas vezes significa progresso, harmonia social, aumento de civilização?

Sentimos, por isso, verdadeira alegria ao ver o propósito de restituir aos Sindicatos a sua verdadeira função de força auto-disciplinadora do trabalho e negociadora do necessário entendimento social. Cremos que procedem muito mal, cavando a sua própria ruína e a da sociedade, aqueles que vêem nesta luminosa tentativa de valorização sindical uma fraqueza perante a força dos operários, e prefeririam deixar a classe trabalhadora abandonada a sua desorganização e miséria.

Esta última atitude é que justificou o princípio da luta das classes. Aquela, destruindo-lhe as causas, poderá gerar a harmonia social e a paz entre os homens.

ABEL VARZIM